

 **Ultraconservador RF DI**

 **Conservador RV 7,5**

 **Moderado RV 20**

 **Arrojado RV 40**



Perfil de investimento

Em janeiro, você poderá alterar sua opção de perfil. É necessário analisar com atenção todas as variáveis para fazer uma escolha consciente e alinhada com seu jeito de ser. Nesta edição especial, você confere diversas dicas e informações para ajudar nessa definição.

um plano que se ajusta a você!

As regras do plano Previdência Redecard CD foram pensadas para que os participantes e assistidos tenham opções em relação a aspectos como:

O **valor de suas contribuições** que respondem pela formação de suas reservas para a aposentadoria

O **tipo de investimento** feito com seus recursos, por meio dos perfis

O **recebimento de sua renda mensal** (para os assistidos)

Essas escolhas representam uma excelente oportunidade para adequar o plano às suas características e metas. Para aproveitar ao máximo essa possibilidade, é preciso entender o funcionamento e os diferenciais das alternativas disponíveis e refletir sobre suas expectativas e necessidades pessoais a fim de tomar boas decisões para o seu presente e o seu futuro.

No caso dos perfis, as quatro carteiras – **Ultraconservador RF DI**, **Conservador RV 7,5**, **Moderado RV 20** e **Arrojado RV 40** – fazem investimentos diferentes. Elas têm, portanto, perspectivas diversas de risco e retorno e, principalmente, de volatilidade nas rentabilidades.

Sua escolha de perfil pode ser alterada de 1º a 31 de janeiro e também no mês de julho. A mudança não é obrigatória. Você precisa lembrar que os investimentos em previdência complementar têm foco no longo prazo e, por isso, qualquer alteração deve pressupor uma análise profunda sobre suas características como investidor, seu momento de vida e seus objetivos.

É sobre isso e muito mais que falamos nesta edição especial.

Boa leitura e boas escolhas!

Checklist básico para começar

1.

Saiba o máximo sobre cada perfil. No site da Fundação, há muitas informações disponíveis, na aba "**Perfis de Investimento**". Você encontra explicações sobre os quatro perfis, com perguntas e respostas, histórico de rentabilidades e detalhes das quatro carteiras. Na aba "**Educação Financeira e Previdenciária**", tem também um vídeo específico sobre os perfis.



2.

Responda ao **teste de perfil de investidor, disponível no site**. Com apenas algumas perguntas, ele pode lhe ajudar a entender seu comportamento diante de riscos e oscilações nos resultados, por exemplo. Na **Área do Participante** do site da Fundação, selecione o seu plano, digite CPF e senha e acesse a aba "**Campanhas**".



3.

Lembre-se que seu patrimônio na Fundação tem fins previdenciários e, portanto, deve estar **voltado para o longo prazo**. Desse modo, suas decisões não deveriam ser revistas apenas em função de mudanças no cenário de curto prazo.

4.

Pense em seus investimentos de forma integral.

Se tiver, por exemplo, recursos aplicados na poupança, em fundos, na Bolsa ou possua imóveis alugados, avalie seu patrimônio como um todo para balancear corretamente os riscos.

5.

Nunca esqueça que **rentabilidade passada não é garantia de rentabilidade futura!** Ou seja, não tome decisões baseadas nos resultados anteriores dos perfis.

Seus investimentos de forma mais customizada

Sandra Blas



“As pessoas têm momentos de vida diferentes, objetivos diversos e comportamentos e atitudes particulares diante do risco. Por isso, faz todo sentido que a Fundação procure atender a essa grande gama de variáveis existente entre seus participantes.”

Na entrevista a seguir, Tatiana Grecco, diretora de Investimentos da Fundação, comenta as tecnologias e esforços por trás da possibilidade de opção de perfil e como avaliar as alternativas. Acompanhe:

Para a Fundação, quais são os desafios de oferecer os perfis?

Do ponto de vista de gestão, trata-se de um processo complexo, pois temos que lidar com muito mais variáveis do que se tivéssemos uma só carteira para todos. Há inúmeros procedimentos e tecnologias envolvidos na oferta dos perfis. Tudo começa por um estudo das opções existentes no mercado para selecionar o portfólio que faz sentido para diferentes perfis de risco. Desse modo, agrupamos os investimentos em carteiras que respondam às necessidades de pessoas com características e metas semelhantes. Por isso, o participante deve responder ao teste de perfil disponível no site da Fundação a fim de identificar a alternativa mais indicada para ele. A própria montagem desse questionário é resultado de um estudo técnico que nos permite agrupar as pessoas nas carteiras. Depois, temos o dia a dia da gestão dos recursos a partir da composição das quatro opções.

Como é feita essa gestão?

O gerenciamento das carteiras segue as regras e políticas de cada perfil, visando sempre otimizar as rentabilidades de acordo com o que combinamos com o participante em termos de objetivos, perspectivas de retorno, nível de risco e classes de

ativos permitidas. Essa diversificação - acompanhada continuamente por meio de análises de curto, médio e longo prazo - protege os investimentos, porque possibilita o constante balanceamento dos riscos e retornos para atingir e, se possível, ultrapassar o desempenho dos benchmarks de cada perfil (saiba mais na página 10).

Por que é bom escolher o perfil de investimento?

Vou dar um exemplo que ilustra bem esse benefício: uma jovem de 20 anos, que acabou de entrar no mercado de trabalho e quer constituir um plano de previdência, tem um prazo muito maior para formar suas reservas do que alguém de 50 anos. Eles têm, portanto, momentos de vida diferentes. Pode ser que a pessoa de 50 anos seja mais arrojada que a de 20 e tenha, em seus investimentos pessoais, uma propensão maior a correr riscos em busca de retornos superiores. Essas são algumas das várias particularidades dos indivíduos e a Fundação, por meio dos perfis, procura atender a essa diversidade.

E qual é a vantagem de poder trocar de perfil?

Com o perfil, o participante consegue fazer com que seus investimentos sejam administrados de forma mais customizada, em harmonia com seus objetivos e momento de vida. Mas esses aspectos também mudam com o passar do tempo, a proximidade ou início da aposentadoria ou ainda em função de fatos que podem ocorrer com todos (como promoções e nascimento de filhos, por

exemplo), modificando nossos comportamentos, metas e expectativas. A troca de perfil existe para que o participante possa adequar sua escolha conforme essas transformações ocorrem. Ou seja, a principal motivação para a alteração deve ser de ordem pessoal por conta de fatores que possam impactar o apetite a riscos.

Por isso, o teste de perfil é tão importante. O participante deve respondê-lo com atenção e sinceridade, sem pensar em cenários econômicos que podem distorcer o resultado. Isso porque, num período de alta de Bolsa, a pessoa tende a dizer que aceita correr mais riscos. Mas aceita mesmo? Ela vai dormir tranquila caso os investimentos tenham queda ou rentabilidade negativa? É preciso ser honesto consigo próprio!

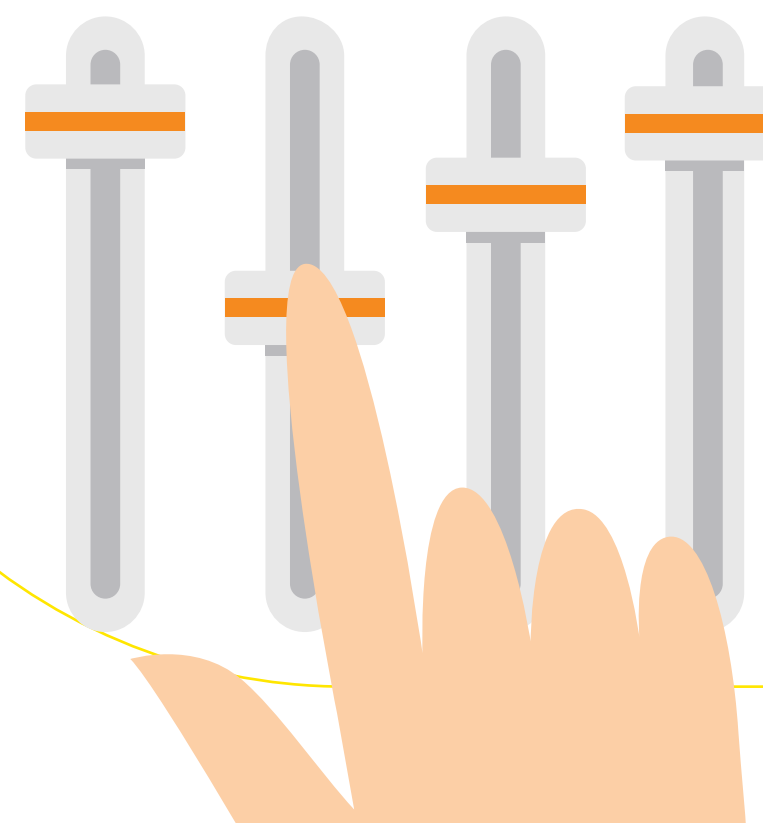
Qual o maior equívoco nessa hora?

Além do que destaquei anteriormente, um grande erro é fazer alterações olhando no retrovisor da rentabilidade e buscando resultados que já ocorreram. A Fundação já fez diversos estudos que mostram que um participante que trocasse sempre de perfil, indo para o que teve melhor rendimento no período anterior, acabaria obtendo o menor retorno no médio e no longo prazo. Isso também é confirmado por várias pesquisas acadêmicas que indicam que esse comportamento é um grande destruidor de rentabilidade. Os cenários de curto prazo podem oscilar muito e, por isso, temos os gestores que fazem o acompanhamento ativo das carteiras.

O que isso significa?

Que os gestores estão prontos para cuidar dos recursos de forma especializada e técnica, administrando ao mesmo tempo o curto e o longo prazo. Desse modo, eles reequilibram a distribuição dos ativos, dentro dos limites permitidos, a partir da confirmação ou não das projeções dos cenários elaborados e dos movimentos da economia. Essa calibragem é sempre feita com vistas a horizontes maiores como é característica dos investimentos em previdência.

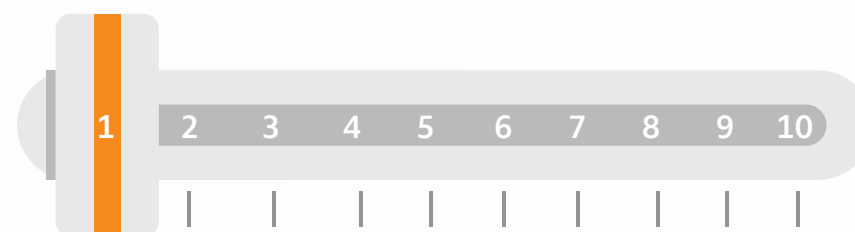
Portanto, essa não deve ser uma preocupação do participante. Ele precisa, sim, basear suas escolhas em seu perfil de risco e nas outras questões pessoais que comentei. Assim, seus investimentos poderão responder melhor às suas necessidades e expectativas para a aposentadoria. E isso vale tanto para quem está longe, perto ou já desfrutando o benefício.





Ultraconservador RF DI

Risco relativo do investimento



A carteira

Investe em títulos de renda fixa pós-fixados, referenciados ao CDI de emissores públicos e privados. Não faz alocações em renda variável.

Suas metas e riscos

Em razão de fazer investimentos de baixo risco, os retornos esperados para esse perfil tendem a ser próximos ao CDI.

Tipo de investidor

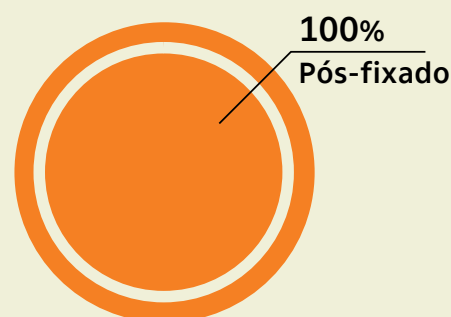
O participante que não pode ou não deseja correr riscos superiores aos previstos no mercado de juros pós-fixados.

Benchmark*

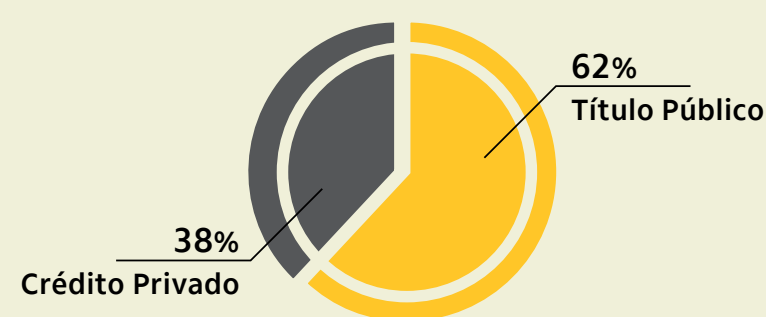
100% do CDI
* referência de rentabilidade

Alocação atual* (% do patrimônio)

Divisão por estratégia



Divisão por classe de ativo



* Em novembro 2018

Desempenho

	2018*1	12 meses
Retorno da carteira	5,84%	6,41%
Retorno do benchmark	5,90%	6,47%
CDI	5,90%	6,47%
Inflação - IPCA	3,59%	4,05%
Ibovespa	17,15%	24,36%
Volatilidade*2 (% ao ano)	0,01%	0,02%
Retornos positivos*3 (% dias)	100,00%	100,00%
Retornos acima do benchmark*4 (% de dias)	12,17%	11,60%

*1 Acumulado de janeiro a novembro de 2018

*2 Medida de risco que quantifica a dispersão dos retornos de um portfólio num determinado período de tempo. O estimador usado para medir a volatilidade foi o desvio padrão histórico

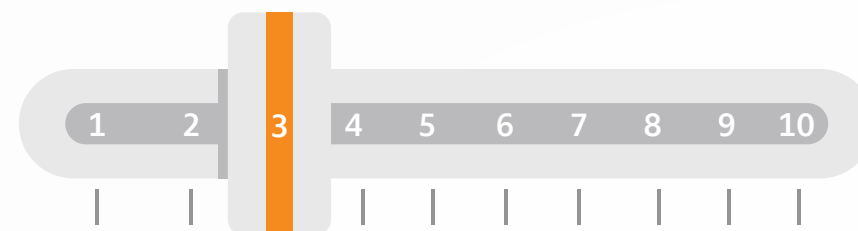
*3 Percentual de vezes em que a rentabilidade diária da carteira foi positiva

*4 Percentual de vezes em que a rentabilidade diária da carteira foi superior à rentabilidade diária do benchmark



Conservador RV 7,5

Risco relativo do investimento



A carteira

Investe em torno de 7,5% dos recursos em renda variável e, na renda fixa, aloca em juros pós-fixados, prefixados e indexados à inflação, de emissão pública e privada.

Suas metas e riscos

Obter resultados um pouco superiores ao CDI no longo prazo. Por investir em renda variável e outros ativos com risco, pode apresentar flutuações relevantes em seu desempenho mensal, incluindo rentabilidade negativa, mas que, em janelas de médio prazo, se torna positiva.

Tipo de investidor

O participante que concorda em acrescentar uma parcela de risco à carteira, com alocação em renda variável, buscando no longo prazo obter rentabilidades um pouco superiores às das taxas de juros de curto prazo. Deve estar disposto a enfrentar os riscos de instabilidade nas taxas de juros e nas Bolsas de Valores.

Benchmark*

92,5% do CDI + 7,5% Ibovespa

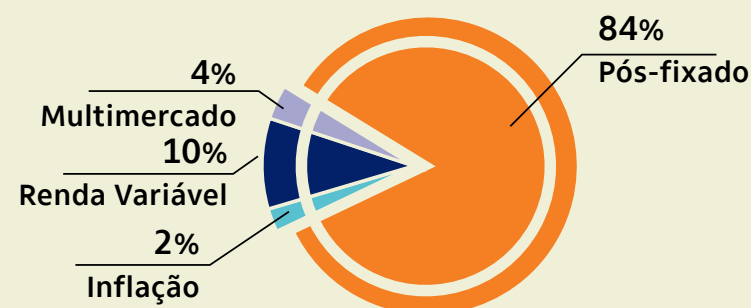
* referência de rentabilidade

Exposição à renda variável

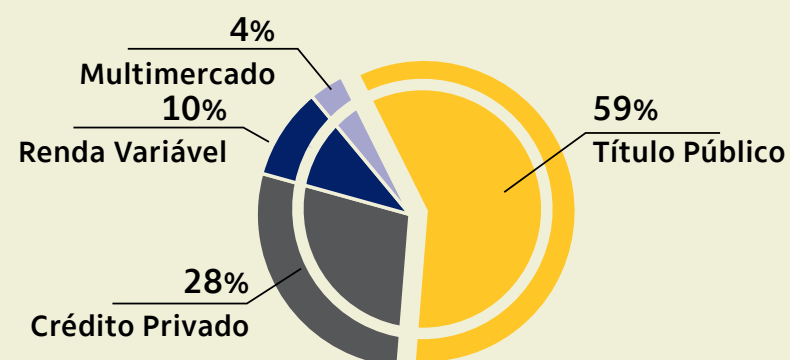
Entre 5% e 10%

Alocação atual* (% do patrimônio)

Divisão por estratégia



Divisão por classe de ativo



* Em novembro 2018

Desempenho

	2018*1	12 meses
Retorno da carteira	7,01%	8,02%
Retorno do benchmark	6,87%	7,90%
CDI	5,90%	6,47%
Inflação - IPCA	3,59%	4,05%
Ibovespa	17,15%	24,36%
Volatilidade*2 (% ao ano)	1,83%	1,78%
Retornos positivos*3 (% dias)	59,13%	60,40%
Retornos acima do benchmark*4 (% de dias)	48,26%	49,20%

*1 Acumulado de janeiro a novembro de 2018

*2 Medida de risco que quantifica a dispersão dos retornos de um portfólio num determinado período de tempo. O estimador usado para medir a volatilidade foi o desvio padrão histórico

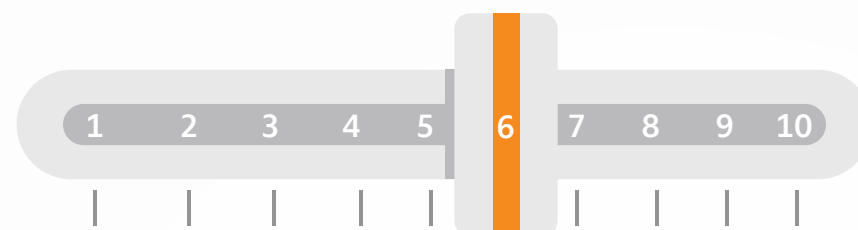
*3 Percentual de vezes em que a rentabilidade diária da carteira foi positiva

*4 Percentual de vezes em que a rentabilidade diária da carteira foi superior à rentabilidade diária do benchmark



Moderado RV 20

Risco relativo do investimento



A carteira

Investe em torno de 20% do patrimônio em renda variável e mantém estratégias de juros pós-fixados, prefixados e indexados à inflação para a alocação em renda fixa, de emissão pública e privada.

Suas metas e riscos

Possui perspectiva de rentabilidades superiores no longo prazo, mas pode apresentar resultados baixos ou negativos por períodos relativamente prolongados (alguns semestres).

Tipo de investidor

O participante que deseja assumir mais riscos do que no perfil Conservador RV 7,5 procurando conquistar maiores retornos no longo prazo. Deve estar disposto a lidar com as variações das taxas de juros e das Bolsas de Valores e consequente rentabilidade negativa acumulada em período razoável.

Benchmark*

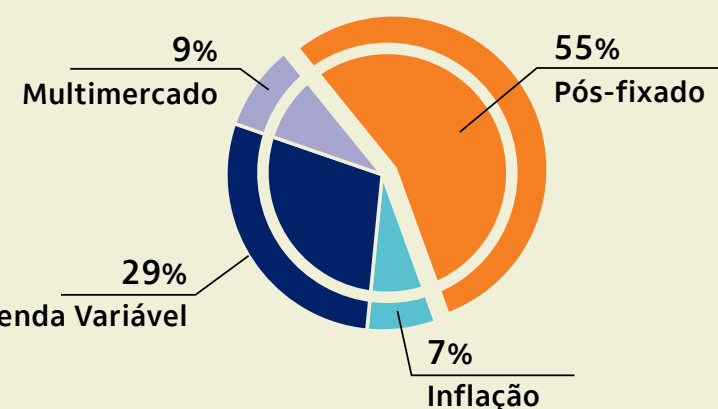
80% do CDI + 20% Ibovespa
* referência de rentabilidade

Exposição à renda variável

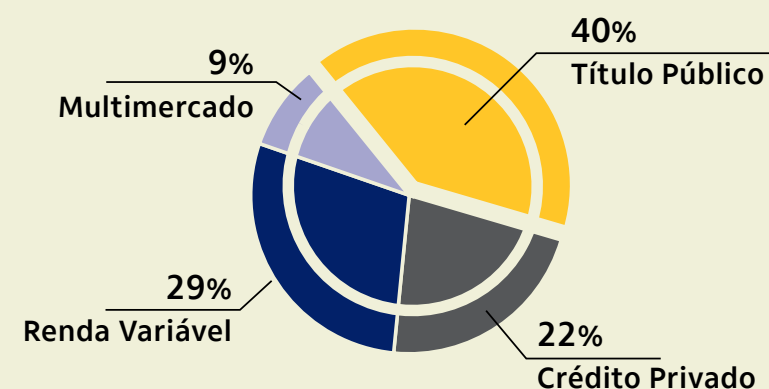
Entre 10% e 30%

Alocação atual* (% do patrimônio)

Divisão por estratégia



Divisão por classe de ativo



* Em novembro 2018

Desempenho

	2018*1	12 meses
Retorno da carteira	9,51%	11,62%
Retorno do benchmark	8,45%	10,26%
CDI	5,90%	6,47%
Inflação - IPCA	3,59%	4,05%
Ibovespa	17,15%	24,36%
Volatilidade*2 (% ao ano)	5,24%	5,12%
Retornos positivos*3 (% dias)	53,48%	55,20%
Retornos acima do benchmark*4 (% de dias)	48,70%	50,00%

*1 Acumulado de janeiro a novembro de 2018

*2 Medida de risco que quantifica a dispersão dos retornos de um portfólio num determinado período de tempo. O estimador usado para medir a volatilidade foi o desvio padrão histórico

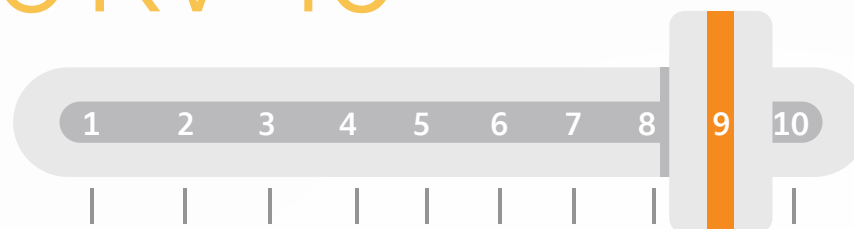
*3 Percentual de vezes em que a rentabilidade diária da carteira foi positiva

*4 Percentual de vezes em que a rentabilidade diária da carteira foi superior à rentabilidade diária do benchmark



Arrojado RV 40

Risco relativo do investimento



Tipo de investidor

O participante que pode e se sente confortável em correr mais riscos do que nos outros perfis, visando atingir maiores retornos no longo prazo. Deve estar disposto a encarar a alta variação das taxas de juros e das Bolsas de Valores e tolerar rentabilidade acumulada negativa por prazo relevante em cenários adversos.

Benchmark*

60% do CDI + 40% Ibovespa

* referência de rentabilidade

Exposição à renda variável

Entre 30% e 50%

A carteira

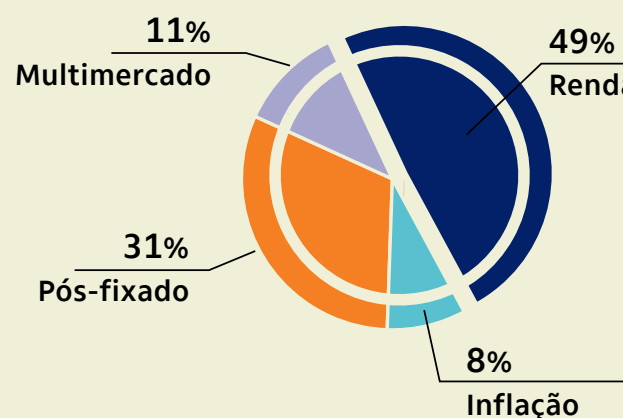
Investe, em média, 40% dos recursos em renda variável e, na parcela de renda fixa, faz alocações em juros pós-fixados, prefixados e indexados à inflação, de emissão pública e privada.

Suas metas e riscos

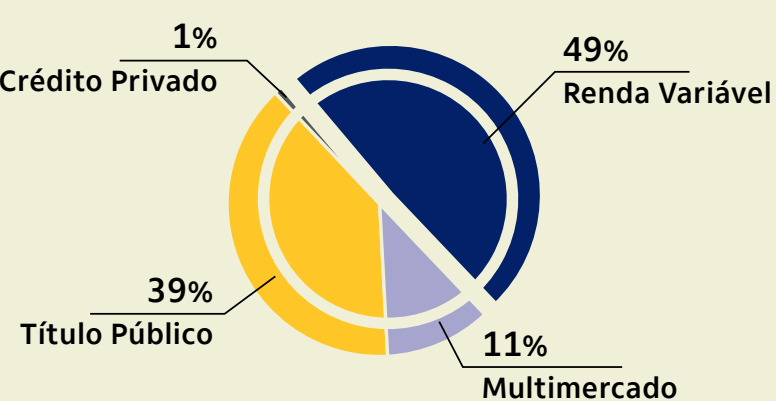
É a opção com maior potencial para alcançar resultados superiores em horizontes mais longos, sendo também o perfil que possui maior risco de oscilação de desempenho, com possibilidade de rentabilidades baixas ou negativas por mais tempo.

Alocação atual* (% do patrimônio)

Divisão por estratégia



Divisão por classe de ativo



* Em novembro 2018

Desempenho

	2018*1	12 meses
Retorno da carteira	11,65%	15,14%
Retorno do benchmark	10,87%	13,95%
CDI	5,90%	6,47%
Inflação - IPCA	3,59%	4,05%
Ibovespa	17,15%	24,36%
Volatilidade*2 (% ao ano)	9,61%	9,39%
Retornos positivos*3 (% dias)	52,61%	54,40%
Retornos acima do benchmark*4 (% de dias)	50,87%	51,60%

*1 Acumulado de janeiro a novembro de 2018

*2 Medida de risco que quantifica a dispersão dos retornos de um portfólio num determinado período de tempo. O estimador usado para medir a volatilidade foi o desvio padrão histórico

*3 Percentual de vezes em que a rentabilidade diária da carteira foi positiva

*4 Percentual de vezes em que a rentabilidade diária da carteira foi superior à rentabilidade diária do benchmark

Acompanhamento contínuo dos riscos e resultados

Os recursos alocados nos quatro perfis são administrados de forma ativa pelos gestores para assegurar a melhor relação risco x retorno, dentro dos limites de exposição determinados em suas respectivas políticas de investimento. Entenda como foi essa movimentação ao longo de 2018 para garantir bons resultados, em meio a um cenário particularmente difícil durante quase todo o ano:

Os desafios de 2018

O ano foi bastante volátil. No mercado interno, destacam-se dois eventos principais: a inesperada greve dos caminhoneiros, em maio, que gerou consequências no nível de atividade, na inflação e no grau de confiança; e as eleições que foram conturbadas, mas terminaram com indicadores de uma governabilidade razoável para 2019. No ambiente externo, os bons ventos dos últimos anos, com elevado apetite de risco para mercados emergentes como o Brasil, passaram por uma reversão (vide o ocorrido com a Argentina e a Turquia). Dois fatores ajudam a explicar essa queda: o acirramento das tensões comerciais iniciadas pelo governo Trump e o aumento dos juros dos Estados Unidos que tem impacto no fluxo de capitais para os emergentes.

A gestão das carteiras

No momento de maior incerteza eleitoral, os gestores diminuíram um pouco os riscos dos três perfis com exposição à renda variável (Conservador RV 7,5, Moderado RV 20 e Arrojado RV 40), reduzindo a parcela de recursos nesses ativos. Porém, à medida que se delineava um desfecho eleitoral favorável para as ações, houve um novo aumento nos investimentos em Bolsa. Esse é só um exemplo do papel do gestor, que monitora de forma contínua as carteiras dos perfis. Atualmente, as alocações em renda variável refletem um cenário mais otimista, mas que ainda demanda cautela (veja matéria na próxima página).

O longo e o curto prazo

Um dos principais desafios dos gestores de recursos voltados ao longo prazo é saber filtrar e administrar os “ruídos” momentâneos dos fundamentos mais relevantes nos cenários. No âmbito local, são pontos que merecem atenção: a definição da equipe econômica e a capacidade de articulação política do novo governo, no que diz respeito sobretudo à necessidade de reformas, com destaque para a Previdência. E no âmbito externo, também é preciso monitorar as questões que podem trazer consequências importantes para o Brasil (saiba mais na página seguinte).

O desempenho dos perfis

Com exceção do Ultraconservador RF DI, os demais perfis sempre terão exposição em renda variável, conforme definido em suas políticas, podendo haver redução ou aumento da alocação segundo a visão dos gestores. Dada a oscilação marcante observada no mercado de ações, com quedas muito bruscas, o desempenho das carteiras foi afetado em alguns momentos. Apesar de toda a volatilidade do ano, a gestão ativa das carteiras assegurou boas rentabilidades mesmo para os perfis de maior risco.

A geração de “alfa”

Os perfis do plano Previdência Redecard CD que possuem política de investimento mais flexível conseguiram gerar resultados acima dos respectivos benchmarks (essa diferença é chamada de alfa). Desde que o plano está no mesmo formato dos demais perfis da Fundação Itaú Unibanco*, essas carteiras obtiveram os seguintes alfas: de 0,5% no Conservador RV 7,5; de 3,1% no Moderado RV 20 e de 3,8% no Arrojado RV 40.

* de janeiro 2017 até novembro de 2018 e líquido de despesas

O que esperar de 2019

O ano começa com uma perspectiva otimista, mesmo diante de alguns aspectos que exigem atenção como a situação ainda frágil da economia do ponto de vista fiscal, a necessidade de avanço das reformas e o cenário internacional. Acompanhe a análise feita por Mirella Sampaio, economista da Itaú Asset Management:

No cenário interno

Depois de um período de recuperação gradual da economia e de um processo eleitoral acirrado, o momento é propício para um novo ciclo de crescimento. A expectativa é que a economia brasileira cresça cerca de 3,0% em 2019, um ritmo que supera em larga medida o dos últimos anos. Mas existem riscos relevantes, tais como a condução das políticas econômicas por parte do governo e a aprovação de reformas estruturais.

No cenário externo

Há aqui uma das principais ameaças para a economia brasileira, em função da grande incerteza sobre os rumos das disputas comerciais entre os Estados Unidos e outras potências como a China e mesmo a Europa. As dúvidas a esse respeito tornam o cenário mais obscuro para os indicadores relativos à atividade, inflação e taxa de juros ao redor do mundo, entre outros. Será, então, essencial acompanhar a evolução desse tema, uma vez que um contexto externo desfavorável pode atrapalhar a recuperação doméstica e motivar revisões nas projeções.

As taxas de juros e a inflação

Mesmo com essas incertezas importantes, a taxa de câmbio deverá se manter relativamente apreciada no curto prazo. Além disso, há ainda muita ociosidade na economia, o que ajuda a conter movimentos de alta dos preços. A previsão é que a inflação encerre o ano confortavelmente abaixo da meta de 4,25%, abrindo espaço para a manutenção da taxa de juros em seu mínimo histórico, 6,5% ao ano, até o final de 2019.

A renda fixa

Existem oportunidades em ativos prefixados ou atrelados à inflação que podem se beneficiar em um ambiente de inflação abaixo da meta e de avanços nas reformas estruturais. No entanto, devem ocorrer oscilações e essa visão pode mudar caso o processo de alta de juros aconteça antes do previsto ou o movimento de reformas seja frustrado.

A renda variável

A boa perspectiva para o crescimento, combinada com o cenário de manutenção dos juros em patamares historicamente baixos, torna o ambiente propício para as ações, de maneira geral. Além disso, há um potencial de surpresa positiva com os resultados das empresas por conta dos ajustes feitos nos últimos anos. Na renda variável, os riscos envolvem a frustração da recuperação robusta das atividades ou a deterioração do cenário externo.

Os investimentos nesse contexto

Se o participante acompanha a adequação do perfil escolhido, por meio do teste disponível no site da Fundação, a não ser que aconteça algum fato novo em sua vida, não é recomendável que altere sua decisão em função de ocorrências no panorama econômico de curto prazo. Essas adequações, como explicado na página anterior, são feitas pelos gestores, visando acomodar a administração dos recursos aos cenários, dentro das premissas de cada perfil.



Se quiser alterar seu perfil...

O processo é feito totalmente on-line pela **Área do Participante** do site da Fundação (login com seu CPF e senha).

Você começa entrando na aba **Campanhas**, disponível logo na página inicial, e deve prosseguir, conforme explicado nas instruções.

Uma etapa essencial está na aba **Avaliar Perfil**. Lá, fica o teste de perfil de investidor. Apesar de ser opcional, ele é muito recomendado, pois pode ajudar a identificar a melhor opção para você. A partir de suas respostas para as questões propostas, o teste analisa seu conhecimento, capacidade e atitude em relação a riscos.

Quando o processo é concluído, há ainda uma etapa final de checagem, realizada através de uma mensagem enviada para o e-mail que você tem cadastrado na Fundação. É preciso apenas acessar o link recebido para efetivar a operação.

Mas atenção: se isso não ocorrer até a data indicada no e-mail, todo o procedimento precisará ser refeito.



Não esqueça de:

- checar se seu e-mail cadastrado na Fundação está atualizado.
- verificar se o e-mail de confirmação não foi incorretamente direcionado para sua caixa de spam (ou lixo eletrônico). Nesse caso, você deve selecionar a mensagem e clicar no botão **“Não é spam”** ou **“Não é lixo eletrônico”** para que a mensagem vá para sua Caixa de Entrada. Na sequência, inclua o endereço do e-mail da Fundação Itaú Unibanco à sua Lista de Contatos e isso não a contecerá novamente.

As alterações feitas em janeiro passam a vigorar partir de março de 2019.



Em caso de dúvida, acione os **Canais de Atendimento** da Fundação:



Por telefone

(De 2ª a 6ª feira, das 8h às 19h)

4002 1299

Capitais e Regiões Metropolitanas

0800 770 2299

Demais localidades

0800 770 2399

Pessoas com deficiência auditiva ou de fala

Pessoalmente

(De 2ª a 6ª feira, das 10h às 17h)

Em Belo Horizonte (MG)

Rua Albita, 131 - 4º andar
Cruzeiro - CEP 30310-160

Em Curitiba (PR)

Rua Marechal Deodoro, 869
17º andar Centro - CEP 80060-010

Em Goiânia (GO)

Av. República do Líbano, 1.551 - Sala
602 - Ed. Vanda Pinheiro - Setor Oeste
CEP 74125-125

Em Recife (PE)

Av. Rui Barbosa, 251 - 4º andar
Ed. Parque Amorim Graças
CEP 52011-040

Em São Paulo (SP)

Rua Carnaubeiras, 168 - 3º andar
Jabaquara - CEP 04343-080

Pela Internet

www.fundacaoitauunibanco.com.br
Canal “Fale Conosco”